

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa			
Anno.....	48000	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA			
Semestre.....	24000	Anno.....	88000	Trimestre.....	29000
Trimestre.....	18200	Semestre.....	48000	Mez (em Lisboa).....	790

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario ♦ ♦ ♦ ♦ Capa: UM VENDEDOR DE CANTAROS EM MESSINA (Cliche de E. Alinari) ♦
 ♦ Texto: COMO EU ENTREI EM LISBOA, 9 illustr. ♦ POR ENCOSTAS E LADEIRAS, 8 illustr. ♦ CO-
 QUELIN, O GRANDE, 5 illustr. ♦ SICILIA: SENSAÇÕES D'ARTE, 16 illustr. ♦ A COMMEMORAÇÃO
 NA SÉ DA CATASTROPHE DE ITALIA, 3 illustr. ♦ O PINTOR ALVES CARDOSO, 8 illustr. ♦ O DUEL-
 LO WENCESLAU DE LIMA-JOSÉ D'AZEVEDO, 4 illustr. ♦ GUARDA REAL DOS ARCHEIROS, 15 illustr.

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para crianças e pessoas
edosas.

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

J. CASTELLO BRANCO

Bicycletas



Marcas inglezas, as mais solidas e elegantes desde 225000 rs. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. ultimos modelos. Bicycletas inglezas Radford, modelo especialmente feito para a no-sa casa, muito solida, propria para aluancil, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guarda-lamas e 2 travões, preço 325000 reis. Enorme sortimento de accesorios laes como protectores Continental, Dunlop, Coventry, Camaras d'ar, Businas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preços barattimos. **GRANDE DEPOSITO** das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. **Casa SIMPLEX Bicycletas, Discos e Machinas falantes. J. CASTELLO BRANCO, Rua do Soccorro, 48 e Rua do Santo Antão, 32 e 34 - LISBOA.**



Meio securo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPSEPSIAS.

A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



Como eu entrei em Lisboa



No tombadilho do *Araguaya*, pela manhã brumosa, sob o fustigo de uma chuvinha meúda e irritante, o commendador, que mostrava cousas a varios passageiros, como eu, de primeira viagem á Europa, espetando para a frente um dedo—o furaboló—cathgorico e sabio, indicou:

—A foz do Tejo...—fazendo lembrar o conselheiro Accacio, quando, d'um alto qualquer de Lisboa mostrava «á sua respeitavel amiga e senhora», n'um gesto largo da mão espalmada:

—Senhora Dona Luiza, o Tejo!...

Confesso que a affirmacão solemne do commendador, aquelle indicar seguro e irrefutavel do seu dedo, todo malhado de placas provenientes d'uma molestia do figado, produziu no meu intimo um abalo fundo.

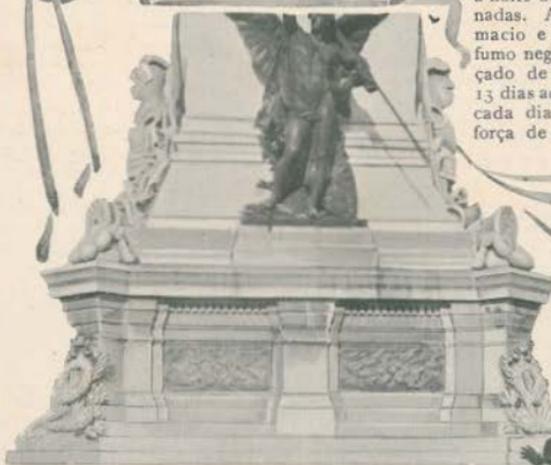
Bastas vezes, durante a deliciosa travessia, a preoccupação de estar caminhando para a Europa me assaltára. Porque, afinal de contas, não é assim sem mais aquella que um cidadão do Novo Mundo chega ao Velho e o pisa e n'elle se installa.

Essa coisa, então, de Portugal, Lisboa, o Tejo, os descobridores, as caravellas, as tradições, as glorias, que a gente estuda, en' menino, para fazer exame de Historia e, depois, mo-

ço, cita em artigos de jornal e discursos de sobremeza, se chega a ser respeitavel de longe, assim cara a cara, ali á mão de semear, assume proporções esmagadoras, põe um nó na garganta ao menos impressionavel dos homens, faz embatucar, mesmo um *blagueur* da minha força.

E embatuequi, confesso, e fiquei para ali bastante atrapalhado, emquanto o dedo do commendador continuava a furar o espaço em informações preciosas.

O *Araguaya* parecia cural-o d'aquella bebedeira de mau tempo que o fizera andar toda a noite aos bordos, ás guinadas. Agora caminhava macio e sereno, bufando fumo negro, arfando, cansado de carregar durante 13 dias aquella gente toda, cada dia mais pesada, á força de comer, como se



1—Toda gente me parecia conhecida até os desconhecidos...
2—... disse um aduzinho de amigo da familia



come a bordo desabaladamente.

Os passageiros subiam á tolda, com caras patibulares: muito amarellas, grandes olheiras, beiços arroxeados, todos com ares de defuntos, desenterrados de

fresco, para votar n'umas eleições.

E Lisboa ia surgindo ante os meus olhos avidos de a conhecer, ou, melhor, de a reconhecer tanto d'ella sabia eu, de lêr e ouvir dizer, sem que o tal nó de emoção, o tal engasgo de respeito — muito semelhante ao que me vencia, em rapazito, quando, pelas férias, voltava do internato e chegava ao portão de casa — me deixasse voltar á tagarellice habitual de cavalleiro que está nas suas sete quintas, em toda a parte, mesmo na quinta... dos outros.

Mal porém o barco fundeou e uns amigos subiram para bordo e me abraçaram, engasgo e nó desapareceram e comecei a sentir-me como peixe n'agua. E digo peixe e não phoca — como talvez mais calhasse a quem é Phoca de pseudonymo — porque creio não ser já segredo para ninguém a propriedade que as phocas, com o ser am-



1.—Despenseis mil réis, um fato com botões, bolsos e tudo
2.—Eu que pago 150000 por um completo de paletot

phibios, teem, de tanto estar em casa do sogro, n'agua como em terra.

Quando puz pé no caes, então considerava-me já dono d'isto tudo e, momentos depois, enquanto rodava por essas ruas no automovel do dr. de Tefé, era de vêr a cara de espanto do *chauffeur*, ao vêr-me cumprimentar para um lado e outro, tal qual o dr. Afonso Penna, quando passeia na avenida Beira-Mar, no Rio, em tarde de corso.

Conhecia toda gente, até mesmo a gente desconhecida, tão parecia a via com o pessoal que quatorze dias antes deixára na rua do Ouvidor e na Avenida Central. Sómente, os de cá andavam com sobretud os abotoados e de luvas grossas, ao passo que os de lá tinham ficado em paletots de brim... desabotoadíssimos. As senhoras, do rosto para baixo, faziam a differença que ha entre os linhos e os draps, mas do rosto para cima eram os mesmos chapéus colossaes, com as mesmas mil coisas sobre os tejadilhos.

Tudo semelhante, tudo parecido... Pois se até o D. Pedro I que lá ficára no Rocio, vinha eu encontrar, no Rocio tambem, com uma mudança apenas: é que apeára do cavallo — o *Corisco*, como n'uma *interview* que d'uma feita fiz com a bella estatua, afirmou S. M. . chamar-se o seu nobre bucephalo — e não tinha bugres a volta. Nem bugres, nem tamanduás...

A' columna, á entrada da Avenida, tambem disse um adefuzinho de amigo da familia, porque, logo na primeira mirada, descobri — eu sou muito physionomista — que era avô do obelisco da nossa Avenida. O que ha é que o obelisco é muito menor. Mas tambem é muito novo e, com certeza, ainda cresce.

Os actores, nas immediações dos theatros, eram

os mesmos actores que lá representam e — dizem os espectadores, mas eu não creio — e fazem beneficios...

É o Campo Grande?... Pois não temos também um Campo Grande, com todas as letras, perto de Santa Cruz — não da Santa Cruz hoje Brazil, mas da outra, onde fica o matadouro? Verdade é que, no Campo Grande carioca, em vez de passeios elegantes, fazem-se apenas manobras militares, mas deixem



1.— Sobretudo, um sobretudo por 14\$000!

2.—Quero dez chapéus!

lá que, aos domingos, no de cá, não hão de faltar tiroteios de olhares, escaramuças de tactica... amo-

rosa, sem falar nos pés... d'alferes. Tudo, pois, igual, tudo... á excepção do dinheiro...

Ah! esse, meus amigos, é differentissimo, com essa piada inventada não sei por quem — e não lhe dou parabens pela invenção — de o tornar forte cá e lá fraco... E que fraqueza, Deus do céu, que fraqueza! Tão grande, ella, e tão rija a fortaleza da «mas-sa» luzitana, que só se pode ter bem idéa do caso, estabelecendo a seguinte comparação:

— O nosso «arame» (no Rio chama-se *arame* ao dinheiro) o nosso é arame liso, singelo arame de... galinheiro e o portuguez é arame grosso, para cercas, arame... farpado...

O caso é que quando, ao comprar um chapéu de côco, logo no dia da chegada, o homemzinho da chapellaria me declarou que o preço do *sympathico* traste era apenas 2\$250, olhei para o sujeito, com um ar de piedade e pensei commigo:

— Coitado do homem!... Enlouqueceu, de repente...

Repeti a pergunta:

— Quanto custa?...

— Saiba v. ex.^a que 2\$250... E' artigo de primeirissima... Não encontra v. ex.^a em parte alguma...

Não ouvi mais. Ainda se desculpava!... E chamava-me *vôcencia*, coisa que ninguém me chamára até então — e olhem que me tem chamado nomes, por esse mundo aberto e sem porteira... Quasi desmaiei!

Dois mil duzentos e cincoenta!... E eu, que nunca comprara um animal d'estes por menos de 25\$000!... Tive medo que o homemzinho se arrependesse e gritei logo:

— Quero dez chapéus!...

E então quando soube que se faz um bello fato, com botões, casas, bolsos e tudo



por 108000! Fiquei maluco, palavra que fiquei, eu que pago no Rio 1808000 por um terno de paletot.

—Dezesseis mil réis!... E, sobretudo, um sobretudo por 148500!... — repetia a todo o instante e resolvei comprar logo, não dez fatos e vinte sobretudos, — o que seria nada — mas um alfaiate inteirinho, uma fabrica de tecidos de lã e um cavallo magro... para fazer botões de osso.

E um par de botinas por 68000, com as solas muito largas e tão salientes que até se pode ganhar dinheiro, carregando gente nos estribos! Palavra que é d'uma pessoa lastimar ter só dois pés...

E um moço para fazer um recado, por 100 réis?! Está claro que passei um dia inteiro a mandar recados a pessoas que



não conheço, ao Dáfundo, a Algés, a Cascos de Rolhas, só para aproveitar a barateza.

O resultado de tudo isso, de toda essa modicidade de preços, de toda essa fortaleza do dinheiro foi que, se não tomo a tempo as minhas providencias, a estas horas, em vez de estar a escrever baboseiras, estava para ahi, n'um canto de rua, de mão estendida, a supplicar, n'um tom de



1—Está claro, que mandei recados a todos os desconhecidos

que tenho em Lisboa...

2—... para aproveitar a barateza dos fretes...
3—Se não tomou providencias era no que acabava... (Clichés de SENOBIEL)
vóz muito choradinho, muito fanhoso — que é o tom de preceito para provar que o camarada está mesmo em petição de miséria, a pão e laranja:

— Pelas suas alminhas, meu rico bemfeitor, pelas chagas dos seus parentes, favoreça com uns cinco-rézitos um pobre brasileiro victima dos enganos do dinheiro forte...

E, d'ahi, talvez os leitores da *Illustração Portugueza* estimassem que isso se tivesse dado, pois, ao menos, estaria livre da massada de aturar esta...

... Por modestia, deixo em reticencias a classificacão da chronica. Cada qual que substitua os tres pontinhos pelo que mais lhe agrade... Sem ceremonias... A' vontade...

BAPTISTA COELHO (*João Phoca*).





POR ENCOSTAS E LADEIRAS

Os senhores ainda se lembram de quando não havia em Lisboa os elevadores? Já lá vae um bom par de annos, não ha duvida, e dá-se sempre uma coisa curiosa com os progressos e melhoramentos materiaes de uma cidade. Habitua-se a gente de tal feito a gosal-os,



que logo esquece com facilidade as incommodidades que anteriormente supportava. Não será para admirar, portanto, que sejam poucos os que ainda se recordem das exaustivas ascensões que todo o alfacinha se via constangido a realizar cada dia para ir de um ponto



1—O ascensor da Estrella, usualmente denominado *na xambombo*
2—O ascensor da calçada da Gloria, o primeiro estabelecido em Lisboa

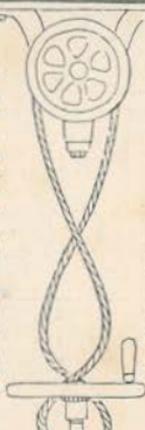


a outro da sua cidade de encostas, ladeiras e outeiros. O que custava, principalmente, a subir essas tres calçadas onde se estabeleceram os tres primeiros elevadores de Lisboa: — o Lavra, a Gloria e a Bica! Chegava um homem ao cimo, a maior parte das vezes em estado tão lastimoso que podia dar baixa ao hospital. Mais de uma occasião aconteceu a um sujeito que conseguira attingir a Estrella ou a Graça cair fulminado como o soldado de Marathona.

E' uma linda cidade esta nossa rainha do Oceano, e decerto nenhuma offerece mais bello panorama vista do mar. Os olhos do forasteiro, a primeira vez que a descobrem da murada do navio, ficam verdadeiramente encantados. Mas, exactamente as elevações

e os montes, que dão a Lisboa esse aspecto gracioso, constituem o maior castigo do pobre habitante citadino, constantemente obrigado, em todo o santo dia, a vencer as subidas ingremes que desde a beira-mar ascendem para todos os bairros.

Quando os elevadores principiaram foi, pois, naturalmente, uma extraordinaria alegria para o lisboeta, que lhes fez uma verdadeira festa. Ia finalmente vêr-se livre das maiores canceiras que a topographia accidentada da sua cidade lhe infligia. Os cardiacos, então, mal pode imaginar-se a satisfação que experimentaram. E o estabelecimento dos ascensores até parecia obedecer ao pensamento de lhes fornecer um tratamento especifico para a sua doença! Anda-



1—O ascensor da Graça, no ponto de partida (largo Fernandes da Fonseca)
2—O ascensor da calçada do Lavra, no largo da Anunciada



(LISBOA) N. SE. pode dizer-se que não houve ve elevação da cidade que não fôsse atacada por um ascensor.

Tantos foram, que até começaram a parecer de mais. Um acabou mesmo por entregar a alma ao creador dos elevadores. Foi o de S. Sebastião da Pedreira, coitado. Lá se foi, ao fim de algum tempo de exploração, e succedeu, afinal, que deixou saudades a muita gente, que o aproveitava especialmente para a visita ao antigo Jardim Zoologico. Quando vieram os electricos, todos foram mais ou menos prejudicados; mas foram sobrevivendo, uns ainda com beneficios li-songeiros, outros atamancando a existencia como podiam.

O da Bibliotheca decidiu-se, inclusiv, a entrar na historia. Foi lá que na triste noite de 28 de janeiro do anno passado foram presos dois deputados, um republicano e outro dissidente, e o sr. visconde da Ribeira Brava quando preparavam a

1—O ascensor das escadilhas de Santa Justa.
2—O ascensor S. Julião-Bibliotheca, que serviu de ponto de reunião aos conspiradores de 28 de janeiro de 1908

vam radiantes, e abençoavam entusiasmados o engenheiro que havia magicado uma tão excelente idéa.

O primeiro carro que alcançou S. Pedro de Alcantara depois de ter subido aquella pavorosa ladeira da Gloria foi acolhido em triumpho, com palmas, vivas, e flôres. Poucos dias de tão grande jubilo tinha havido ainda, ou houve depois, em Lisboa.

Após os primeiros, começaram a planear-se elevadores para toda a parte. Houve um periodo em que era habitual deparar-se com dois cavalleiros a uma esquina, de canhenho e lapis em punho, muito absorvidos a olhar os transeuntes que passavam, sem corresponderem sequer aos cumprimentos dos conhecidos, sem dar resposta a algum que os interrogava. Estavam a contar as pessoas que iam á sua vida ou ao seu passeio, para calcular se o movimento diario de uma rua mais inclinada representaria vantagem para a construcção de um elevador. E assim, se muitos projectos não transitaram do dominio da phantasia para o da realidade, outros exe-





conspiração malograda contra o dictador João Franco. Essa pagina está já escripta, aqui mesmo na *Illustração Portuguesa*, no diario da semana tragica, cujo lutooso anniversario passou ainda ha poucos dias.

Mas tanto andaram os electricos de namoro com os elevadores, que acabaram por assentar em: casamento. Não pode dizer-se que o enlace fôsse resultado de uma paixão fulminante. Antes, o contrario deverá considerar-se mais certo. Effectivamente a Companhia dos Ascensores, segundo dizem as informações, resistiu a principio á côrte. Terminou, comtudo, por deixar-se convencer. Evidentemente os estranhos não tem nada com isso, como se comprehende; mas o peor é que parece que é o publico que os dois nubentes incumbiram de pagar as despesas da boda. E ahí está o que já não é muito grato para o dito publico.

Os velhos e graves elevadores da Gloria, do Lavra e da Bica, que são do outro tempo, e carros pacatos, que nunca deram

desgosto de maior, conservaram os seus preços antigos. Mas, nas carreiras mais novas, do largo de Camões á Estrella e do Rocio á Graça, as tarifas foram elevadas... provisoriamente. Percebe-se que é até á realisação do hymineu. Depois será o que Deus quizer, e já pode prever-se um pouco, pela resolução tomada, por sua vez, pela Companhia dos Carris, de acabar ao mesmo tempo com os bilhetes de ida e volta na carreira da Estrella, emula do respectivo elevador, e de augmentar o preço no elevador do Carmo, que é já, desde ha mezes, pertença sua. E o que parece já bem averiguado é que os elevadores, os velhos amigos dos cardiacos, se vão, e por isso não podiamos deixar de dirigir-lhes uma saudosa despedida, mais commovida pelas recordações de bom tempo distante em que elles nasceram. Tal é o estado da questão do desposorio anunciado, cujo desfecho não podemos prever, mas estimaremos seja feliz.



1—O ascensor da Estrella: o carro com o rebocador
2—O velho ascensor da Bica

(Clichés de BENOLIEL)

COQUELIN, O GRANDE

«upremo, e em seguida o creador de tantas figuras admiraveis do theatro moderno, — a todas as quaes se sobrepõe Cyrano de Bergerac, — iria, aos 68 annos, gosar um socego a que justificadamente se suppunha com direito. E' então que intervem impiedosamente a fatalidade. Coquelin estava em Pont-aux-Dames, na casa fundada por sua iniciativa com o destino de acolher os velhos artistas theatraes sem recursos, mas era esperado em Paris para recommear os seus trabalhos de ensaio, quando um aneurisma o fulminou quasi de repente. Mais estranho ainda, porém, é que o illustre comediante parece ter tido a previsão amargurada d'essa morte brutal e inesperada a poucos passos da execução do seu apaixonado desejo. Momentos antes de cair fulminado, Coquelin dissera a um antigo servo:

— Parece-me que já não representarei *Cantecler*.

Final é sempre a mesma coisa, cons-



1 — Coquelin no papel de Cyrano de Bergerac
2 — No 3.º acto do *Cyrano de Bergerac*

A morte de Coquelin, — o *grand Coq*, como era usual tratarem-no nos meios theatraes e artisticos, — sobreveiu não só de um modo inesperado como ainda em circumstancias que parecem dirigidas pela mesma fatalidade que guia e domina sempre o desfecho da tragedia antiga. E esta singular coincidência não pode naturalmente passar despercebida quando se trata d'esse comediante glorioso e apaixonado, que viveu tão absorventemente uma longa vida de theatro.

Ha annos já que o eminente actor annunciara a resolução de abandonar a scena, para descansar de uma tão extensa e laboriosa carreira; mas, por uma ultima vaidade de artista, não queria despedir-se definitivamente sem realizar uma ultima criação, que seria exactamente, no seu sonho, a melhor corôa de toda essa carreira. E essa criação, — estava já destinado, — seria a que antevira, mais brilhante que todas as antecedentes, no *Cantecler*, do seu grande amigo Rostand. Mas o poeta demorava o termo da factura da peça, e durante nada menos que seis annos Coquelin aguardou impaciente, ancioso por esse papel, que seria o ultimo que contava desempenhar no theatro. Finalmente, Rostand acabou o ultimo acto da peça e começaram os respectivos ensaios no theatro de Porte Saint-Martin. O velho actor andava radiante. Ia representar o seu papel



tantemente a tristeza de
vêr esvaír-se, como fu-
mo, o melhor sonho da
nossa vida na occasião em que se ima-
gina vê-lo corporisado e materialisado.

Quantos se interessam pelas coisas de theatro sa-
bem o que era Coquelin ainé, e por isso seria pedan-
tismo gastar tempo a pretender explical-o aqui, prin-
cipalmente quando o espaço não sobeja. Além d'isso,
das tres vezes que o grande actor veiu a Lisboa, a
primeira ao theatro de D. Maria e as duas ultimas ao
de D. Amélia, o seu alto talento artistico refulgiu
com tão supremo brilho—com o seu relevo habitual,
afinal—que o nome glorioso do illustre interprete de
Molière, do mais perfeito interprete de Rostand, con-
quistou para nós a mesma aura que na propria França
o cercava, e de que o seu enterro extraordinario foi
a prova mais flagrante.

Como o amavamos aqui, tambem o velho Coquelin
nos amava. Lisboa merecia-lhe uma especial sympa-
thia, e em Portugal contava amigos affectuosos e de-
dicados, um dos quaes, dos mais intimos, foi o bom
e saudoso Raphael Bordallo, que conviveu na maior
intimidade com elle. Eram, de resto, dois espiritos
bem irmãos, pelo amor commum da arte e pelo feito
leal e bondoso de coração, que aos dois caracterisava.
Porque Coquelin, é preciso não esquecer que era,
além de um actor de superiores e rarissimos recursos,
um perfeito homem de bem e um espirito elevado,
de *aisance* intellectual pouco vulgar, afóra ser um
amador intelligente e apaixonado, infatigavel explo-
rador das casas de *bric-à-brac*, pelo que
consequira reunir, na sua casa de Paris,



um verdadeiro mu-
seu de arte, repre-
sentativo de um ele-
vado valor monetario, e onde
muitas coisas portuguezas,
quer antigas reliquias precio-
sas do nosso velho mobiliario,
quer modernas, como algumas das
mais bellas faianças das Caldas,
figuravam ao lado das mais es-
colhidas acquisições realisadas em
todas as partes do mundo, ao ca-
pricho das suas *tournées* de actor.

Com Coquelin desapparece—
não pode a tal respeito subsistir
a minima duvida—uma das mais
prestigiosas figuras do theatro fran-
cez contemporaneo, um artista que
formava ao lado dos outros tres
ou quatro que superiormente hon-
ram a scena parisiense, e cuja repu-
tação é verdadeiramente mundial.
Não podiamos, pois, deixar de
deplorar a sua perda, evocando
com saudade, n'este momento,
as creações inimitaveis que elle
fez deante dos nossos olhos,
entre as quaes se salienta a
de *Cyrano*—o *Cyrano* que
porventura morre com o seu
grande interprete.



1—Edmond Rostand, o actor do *Cyrano*
e de *Chantecler*

2—Coquelin e Sarah Bernhardt, por occasião da sua *tournee*
aos Estados-Unidos



Coquelin no papel de Scarpia da *Tosca*, uma das suas melhores criações da obra de Sardou

SICILIA

SENSAÇÕES D'ARTE

Cícero principia por dizer ao senado de Messina que não ha em toda a ilha, povoada de tantas cidades e de tantas familias opulentas, um unico vaso decorativo, uma pedra preciosa, uma perola, uma unica joia de ouro ou de marfim, um marmore, um bronze, um quadro, um tapete, que completamente houvesse escapado á cubiça e á rapacidade de Verres. O registo ciceroneano menciona numerosas peças, cujo valor basta para revelar o que era n'essa época a variada riqueza artistica da Sicilia. Verres conseguira em muito pouco tempo reunir, entre muitas outras preciosidades, uma estatua



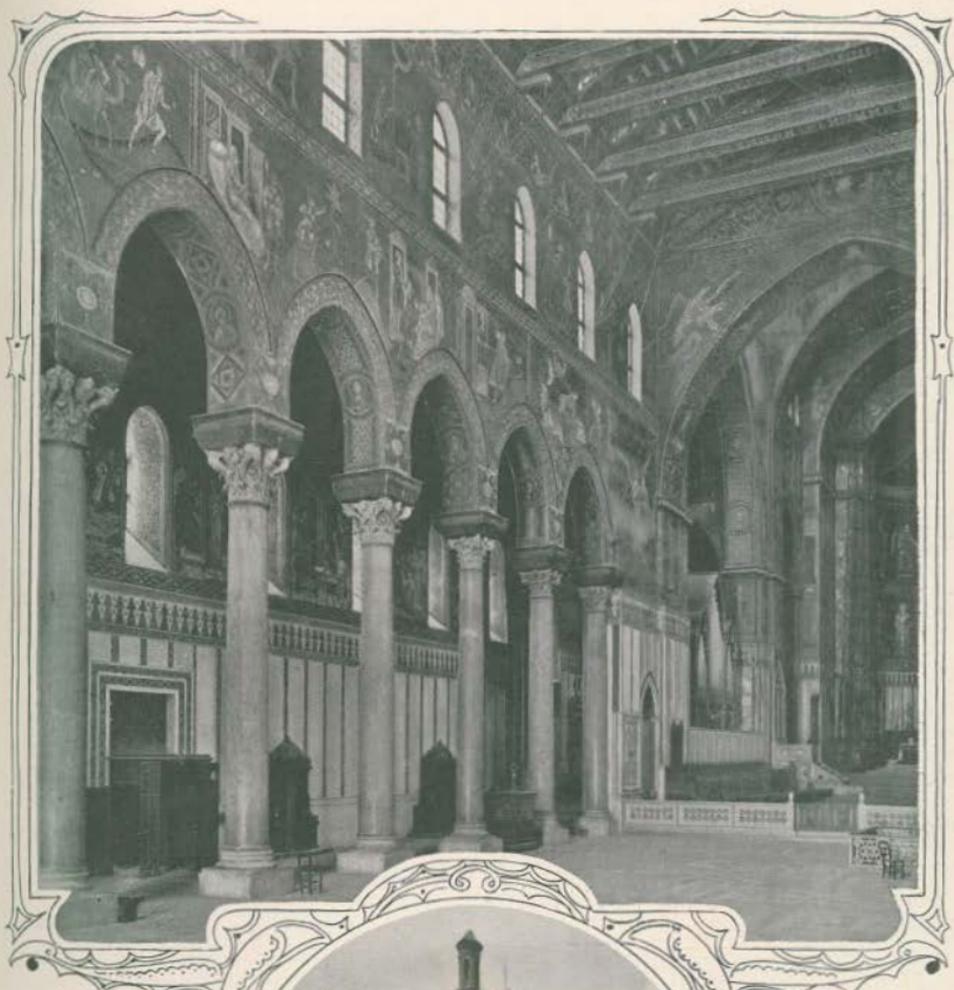
1—Uma das mais bellas estatuas do Museu de Napoles
2—Porta principal do Duomo

de Sapho, obra prima de Sila-neon; um Apollo, de Lyson; um Cupido, de Praxiteles; um Apollo do templo de Esculapio; uma Aristéa do templo de Bacho; uma Ceres do templo de Enna; a famosa Diana em bronze do templo de Segesto; o Apollo de Agrigenti; a Ceres de Catania; e joias, baixelas inteiras, candelabros atticos cravejados de pedraria, vasos de Corintho e de Delos, quadros e tapetes attalicos, tudo proveniente de esbulhados edificios publicos e de celebres galerias e colleções particulares, como as de Heius, de Casilius, de Diocles.

A Sicilia teria tido com que fornecer museus tão sumptuosos como os mais celebres do nosso tempo. Os mais ricos da Sicilia moderna, em Siracusa e em Palermo, estão em verdade longe de corresponder ao esplendor antigo das suas artisticas cidades.

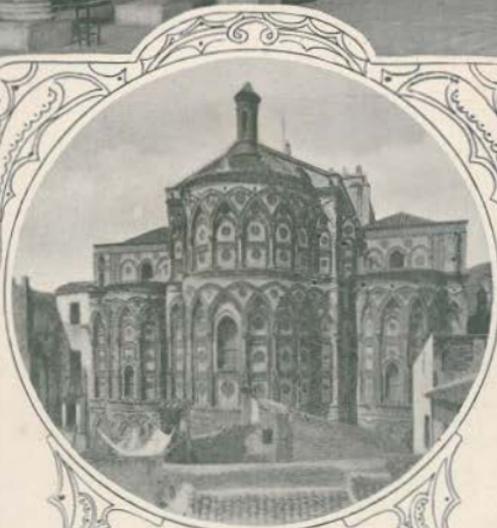
Além das colleções numismáticas (as moedas e medalhas de Siracusa são as mais bellas que ha);





além das series pre-historicas, das colleções epigraphicas e dos sarcophagos egypcios e romanos, os museus sicilianos possuem algumas interessantes peças da esculptura e da ceramica grega e etrusca, curiosos documentos das industrias arabes, e duas obras primas: em Palermo uma das menos antigas métopes de Selinunte, e em Siracusa a famosa estatua acephala da Venus Landolina.

A métope, quasi intacta, procede do templo de Juno e achava-se collocada ao centro



Monreale: Nave esquerda da cathedral (seculo XII)
2—Monreale: Lado oriental do Duomo

da sua principal fachada.

Representa Jupiter e Juno (Zeus e Hera) no monte Ida.

E' o momento em que a deusa, altiva e em pé, apparece pela primeira vez ao esposo depois de cingido o cinto mysterioso que lhe emprestára Venus como irresistivel talisman de sedução e de conquista sobre o sensual amor dos homens e dos deuses.

Jupiter, subjugado pelo divino sortilegio, procura approximar de si a consorte, colhendo-a vi-

gorosamente
pela mão ergui-
da com que ella

abre o manto, descobrindo desnudado o seio esquerdo. As longas roupagens de Juno, de cuja fimbria se adeanta a nudez do pé, revestem de uma severidade liturgica o seu enigmatico gesto.

Parece que n'esta profunda composição quiz o artista lapidamente illustrar as palavras postas por Homero na bocca do deus enamorado:—*Vem! quero-te n'este momento como não quiz nunca outra mulher na terra ou no Olympo.*

Jupiter é bem n'este grupo o Zeus hellenico de uma epocha não mui distante da de Phidias:—sentado, visto de perfil, o tronco nu, fortemente musculado; as largas pregas do imacion circundando-lhe a cintura e descendo-lhe até as sandalias; a cabeça alta e dominativa simplesmente coroada pela tiara; a barba não muito longa, macia e annelada; a expressão grave, serena e benigna.

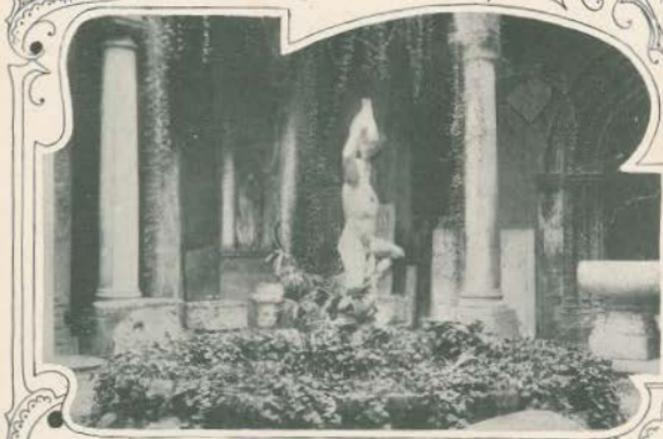
Apesar dos laivos de archaísmo, que os criticos descobrem como taras hereditarias n'esta obra, ella não offerece aos meus olhos, além da inferioridade do tafo calcareo comparado ao marmore de Paros, insufficiencia alguma que a exclua da categoria das mais bellas creações classicas. E', sob a sua transcendente e austera figuração, o symbolo theogonico da selecção affectiva, do destino da vida, da successão das raças, da perpetuidade do homem na terra.

A minha commovida admiração por esta reliquia do principal dos templos de Selinunte induziu-me a evocar o effeito pittoresco que ella produziria reposta no friso do edificio de que fez parte, e de cuja coloração tão minuciosamente nos instrue o insigne archeologo Mitthoff. Eis o que seria a resurreição chromatica do templo:

Os grandes corpos exteriores do monumento são pintados de amarello claro. Sobre este fundo monochromo, destacando-se do azul do céu e contrastando harmonicamente com a verdura da vegetação adjacente, tintas mais vivas realçam os detalhes decorativos. As columnas teem um tom mais

claro que o dos envasamentos. Os triglyphos são azues. O fundo das metopes e do frontão é vermelho. Coroando o edificio, no friso e na cimalha, preponderam côres mais intensas. Nos relevos das metopes o marmore das cabeças e das extremidades conjuga-se com o estuque polychromado que reveste o calcario esculpido das figuras. Tenues fios de ouro que, como informa Plinio, pareciam levemente dados por um fino traço de pincel, assignalam as juntas do apparelho, fazendo discretamente scintillar á luz o edificio todo.

Preciosa lição de composição decorativa, tão desaproveitadamente ministrada pela arte da Sicilia ao



1—O torso maravilhoso da Venus de Siracusa
2—Museu de Palermo: O primeiro puteo



sombrio e reles mau gosto do
nosso aleijado tempo!

Em torno da Aphrodite de Siracusa passara pouco tempo antes de mim o filho espiritual do auctor de *Salambô*, Guy de Maupassant, d'entre os litteratos do seu tempo talvez o mais perspicaz analysta e o mais subtil burilador da phrase magicamente lucida e mathematicamente precisa. As paginas magistraes que elle consagra, como n'um exvoto, a esse delicioso marmore, desenterrado de uma excavação de 1804, e réplica, segundo parece, do typo hellenistico da Aphrodite Cnidia de Praxiteles, desafiavam toda a tentativa de uma *réplica* descriptiva. Resumirei apenas as palavras com que o escriptor francez saudá essa imagem, que alguns dizem ser a Venus offerecida por Heliogabalo á admiración dos Siracusanos.

Ella não é a mulher idealisada, a mulher divina ou magestosa como a Venus de Milo. E' meramen-

te a mulher, tal como a vêem e a amam os homens. E' uma pedra que vive de toda a palpavel verdade da mais minuciosa e fremente anatomia. A região renal, sobretudo, é inexpressivelmente animada e bella. Com todo o seu encanto deslisa essa linha ondulante



1—Palermo: Egreja de S. Giovanni
2—Claustro da mesma egreja

e unctuosa do dorso feminino, que vae da nuca ao calcanhar e patenteia — no contorno das espaldas, na rotundidade decrescente da côxa e na leve curva posterior da perna adelgada até o artelho, — toda a modulação da graça humana. Uma obra d'arte sómente é superior quando é conjuntamen-

vê no resto da Italia, os architectos christãos de Siracusa descobriram a cella central e fecharam os intercolumnios exteriores do templo por meio de um muro de alvenaria em que parcialmente se embellem as columnas, deixando todavia visível a face interior e exterior dos fustes e dos capitels, assim como a architrave, de que sobresaem ainda os primitivos triglyphos como um estranho systema de ameias não desaprazível á vista. Esta disposição proporciona tres espaçosas naveas á egreja e permite a quem a contempla do interior apreciar perfectamente a configuração total da primitiva construcção dorica.

A successão artistica do periodo grego na Sicilia cabe á epoca normanda, que deslumbrantemente estabelece um capitulo unico na historia da arte europeia.

A administração romana não fôra propicia ao florescimento artistico. Não era tambem essa a missão de Roma. Bastava á gloria d'esse povo eminentemente conquistador saber-se governar a si mesmo, e pela posse d'essa aptidão considerar-se digno de governar o mundo.

«Forçar todos os povos á manutenção da paz, poupar os vencidos, humilhar os soberbos», taes eram as artes que Roma se ensoberbecia de cultivar. Virgilio na sua epopeia nacional lh'o dissera com a retumbante eloquencia do mais fervoroso hymno á gloria da sua patria

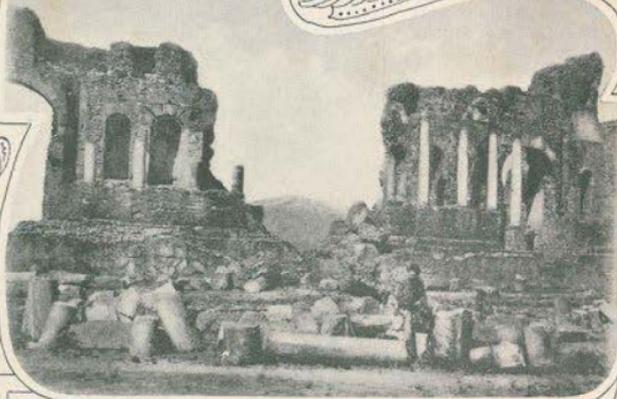
Tu regere imperio populos, Romane, memento.

Da intervenção do christianismo na civilização romana desde o se-



te um symbolo e a exacta expressão de uma realidade. A Venus de Siracusa é uma mulher, e é o symbolo da carne. Falta-lhe a cabeça. O symbolismo é mais perfeito assim. Esta figura acephala é um corpo de mulher exprimindo toda a poesia real da caricia. Ella é divina, não porque exprima um pensamento, mas unicamente porque é bella.

Varios templos pagãos se transformaram em basilicas christãs. O modo como essa transformação se operou na Sicilia constitue uma das curiosidades locais da sua architectura medieval. Interessante exemplo o da cathedral de Siracusa. Diferentemente do que em geral se



1—Agrigpna : existente no musen de Napoles
2—Theatro grego



culo IV, e depois, consecutivamente, da influencia arabe e bysantina procedem os elementos de que se compoz a civilização normanda, fazendo desabrochar na Sicilia, durante o seculo XII, a mais inesperada, a mais estranha, a mais maravilhosa flôr d'arte que a idade média produziu.

A monarchia normanda na Sicilia forma-se no principio do seculo XI por um modo que não deixa de ter alguma analogia com aquelle

como um seculo depois se fundava a monarchia portugueza. A conquista de Lisboa, assim como a defeza de Salerno, — duas victorias alcançadas sobre os sarracenos — foram a base da fixação do poder monarchico em Portugal e na Sicilia.

Em um e outro d'esses decisivos feitos militares, tanto sicilianos como portuguezes tiveram por alliados e collaboradores cruzados da Normandia em caminho da Terra Santa.



1—Taormina: Theatro antigo á vista do Etna
2—Panorama de Messina

Os de Salerno, por occasião do forçado apartamento immediato a esse primeiro encontro com os normandos, seus generosos companheiros d'armas, pediram-lhes fraternalmente que voltassem breve, e cumularam-os de graciosos presentes, de uma simplicidade biblica. Deram-lhes limões doces, amendoas, bolos de nozes e mel, ricos tecidos e variegadas obras de ferro incrustadas de ouro, para que elles e os seus amassem e appetecessem a terra bella e agradecida que haviam ajudado a libertar, e que taes coisas produzia.

Foi em signal de agradecimento a essas dadas e de annuência a esse pedido que o reino das Duas Sicilias se constituiu.

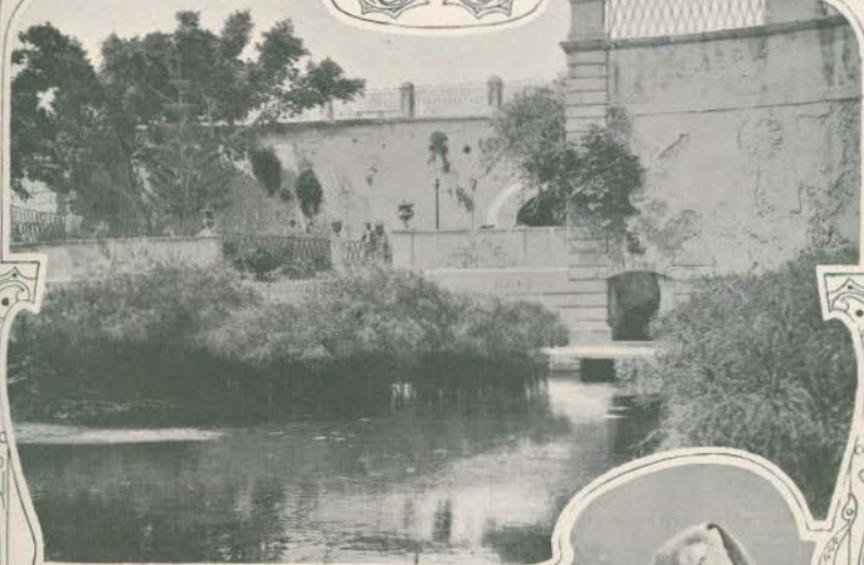
Entre os normandos que primeiro vieram estabelecer-se em Salerno achavam-se os dois filhos de Tancredo de Hauteville, Roberto e Rogerio, os quaes, intrepidos, destemidos e audazes *condottieri*, insaciaveis de aventuras, atravessaram rapidamente da Calabria para a Sicilia, desalojaram successivamente os arabes de Messina, de Palermo, de Trapani, de Taormina, de Siracusa, de Castrogiovanni, até que o papa Urbano II, confirmou Rogerio na legitima

posse da ilha que tão arrojadamente elle conquistára aos infieis. Tal foi o aguerrido fundador da dynastia, rapidamente e profundamente nacionalisada, á qual, durante cêrca de um seculo (o seculo XII), deveu a Sicilia o mais glorioso periodo da sua historia.

Quando em 1071 os normandos situaram Palermo fallavam-se na ilha cinco linguas: arabe, hebraico, grego, latim e siciliano vulgar. D'estas diversas linguas tinham a preponderancia de idiomas civilisados tres: o arabe, o la-



1—Um velho de Taormina
2—Palermo: Carro siciliano



1—Siracusa: Fonte Aretusa
2—Um irmão pedinte

tim e o grego. Este phenomeno explica-nos as combinações estheticas de toda a arte normando-siciliana. Alguns dos edificios d'esta epoca, principalmente localisados em Palermo, são cumulativamente bysantinos, arabes e gothicos. A magestade, a elegancia, a graça, o mimo do seu eclectico aspecto são de um esplendor sem rival no resto do mundo.

O governo da monarchia normanda assegurava á ilha uma tranquillidade e uma paz de que nenhuma outra nação gosava a esse tempo. A prosperidade material representava um prodigio de administração. A pericia agricola era inexcedível. A's antigas culturas indigenas, que haviam feito da Sicilia o cellei-

ro da Italia — trigo, vinho, azeite — tinham os reis normandos accrescentado as culturas arabes do assucar e do algodão. As industrias sumptuarias de tradição musulmana e bysantina, os tecidos de seda bordados a aljofares e ouro, introduzidos por artífices trazidos de Thebas e de Corintho, as incrustações em madeira e em marfim, o trabalho do marmore e do porphyro esculpido, assim como o do bronze fundido e cinzelado, attingiam um acabamento nunca mais excedido. Um commercio maritimo florescentissimo desenvolvia enormemente a riqueza publica por meio de uma larga exportação, atravez do Mediterraneo, para Alexandria, para Constantinopla, para Barcelona e Marselha. A arte da jardinagem chegára a uma perfeição que ficou tradicional, e faz ainda hoje a gloria dos admiraveis jardins de Palermo, como a Flora, a Favorita, o Jardim Inglez, a Villa Tasca, a Villa Sofia.



(Continua)

RAMALHO ORTIGÃO.

A COMMEMORAÇÃO NA SÉ DA CATASTROFHE DE ITALIA



- 1—Suas magestades El-Rei e a Rainha viuva saindo da igreja da Sé, precedidos pelo pessoal palatino e acompanhados pelos membros do ministerio.
- 2—Uma parte da assistencia ás exequias, entre a qual figuram a sr.ª condessa de San Luis e marquezes de Avila e Praia e Montforte e dr. Carvalho Monteiro
- 3—As damas da Rainha e alguns officiaes mórés da casa real e parte do corpo diplomatico

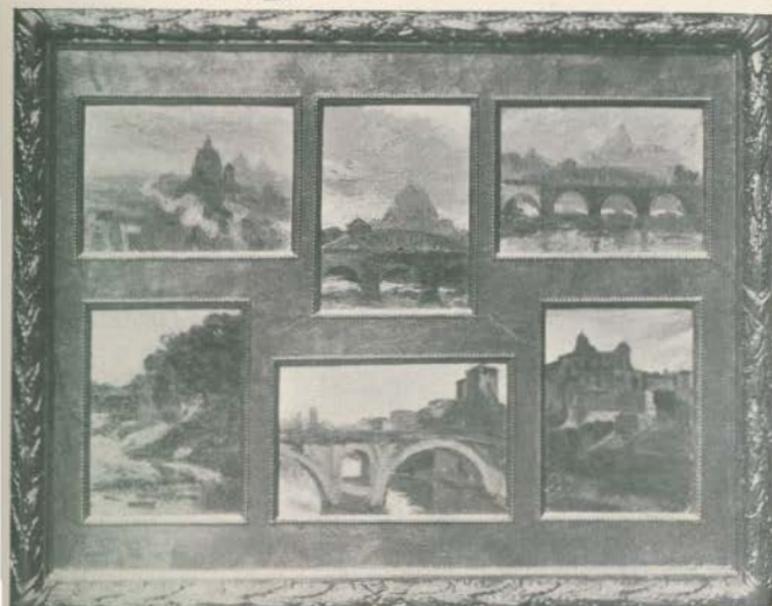
O PINTOR ALVES CARDOSO A SUA EXPOSIÇÃO



ção dos progressos realizados pelo talentoso pintor, que regressou ultimamente do estrangeiro, onde esteve estudando, como pensionista do Estado, depois de concluído o seu curso na Escola de Bellas Artes de Lisboa.

A *Ilustração Portuguesa* fez já referencias elogiosas ao distincto artista, nomeadamente por occasião da penultima exposição annual da Sociedade Silva Porto, que se realizou na sua sala de festas. E', por isso, com natural

satisfação que registamos o triumpho que a actual exposição, composta de obras realizadas durante as suas excursões artisticas por França e Italia, representa para o seu talento, cuja brilhante expansão não tivemos duvida em prognosticar. E as qualidades notaveis e progressivas, que estes seus ultimos trabalhos revelam, são ainda, sobretudo, um novo penhor de cumprimento da promessa lisonjeira que, desde os seus quadros de estreia, Alves Cardoso teve o direito a ser considerado para a arte nacional.





1—O pintor Arthur Alves Cardoso. 2—Restos de um aqueducto (Roma). 3—O forum romano. 4—Roma: Do Pincio. 5—S. Pedro de Roma. 6—Outra vista de S. Pedro de Roma. 7— Paisagem Marinho. 8—Velha Roma. 9—Marino (trecho). 10—Ponte n'um canal. 11—Uma rua de Veneza. 12—Um canal de manha. 13—Um palacio de Veneza. 14—La Salute ao pôr do sol. 15—Um canal de Veneza. 16—Egreja de S. Jorge (Veneza). 17—O grande quadro *Ponte* (França). 18—Dia tempestuoso.

(Clichés de BENOLDI).

Pelas reproduções photographicas, que publicamos de alguns dos quadros de Alves Cardoso, nas duas paginas que a *Ilustração Portuguesa* consagra n'este numero á sua exposiçào, os nossos leitores tem já a prova de que não exageramos nos elogios que fazemos ao novo e distincto artista. E' um pintor de um largo futuro garantido, de quem a arte nacional tem bastante a esperar, e cuja obra até agora realisada basta mesmo para honrar o seu nome de um modo já bastante lisongeiro.

O DUELLO WENCESLAU DE LIMA—JOSÉ D'AZEVEDO



Antes do duello.—O conselheiro Wenceslau de Lima conversando com o professor Antonio Martins, director do campo, e com o sr. conde de Paçõ Vieira.—O conselheiro Wenceslau de Lima com o sr. conde de Paçõ Vieira, um dos seus padrinhos, na estrada de Palhavã, a caminho do Velodromo



Depois do duello.—O conselheiro José d'Azevedo com os seus padrinhos, o general Filomenal Pinto, e conselheiro Auselmo de Andrade, o seu medico Archer da Silva e o sr. Arthur Brandão.—O conselheiro José d'Azevedo Castello Branco vestindo o seu casaco depois de feito o curativo, conversa com o sr. Archer da Silva e general Filomenal Pinto, um dos seus padrinhos.—(Chicêz de Bemol.)

A COMMEMORAÇÃO FUNEBRE DA SÉ



El-Rei e a Rainha D. Amélia saindo da igreja da Sé, depois de terem assistido ás exequias do dia 1 de fevereiro
(Cliché de RENOLIEL)

GUARDA REAL DOS ARCHEIROS

Ao virem os primeiros frios de 1494, D. João II sentira-se mais atormentado pela hydropesia mas apegado á fé de melhorar deixára as húmidas casas de Setubal pelas amenidades de Evora e dera-se tão bem que na manhã de S. João se puzera a correr cannas na praça e fôra comer um abastado almoço na assotea do paço real.

Já lá iam quasi dez annos — que seriam completos em agosto — depois da morte do duque de Vizeu e ainda o seu espirito forte indagava das idéas da nobreza. Os dias gastava-os a montar após os negocios, as noites levava-as de somnos ligeiros e aos mais breves ruidos, junto á sua alcova, pulava do leito, petiscava fogo a accender um brando, agarrava a espada e mettia-se pelos casarões, varrendo-os com a cauda do seu mantão de agasalho, em busca de conjuras.

Pois foi exactamente n'esse verão das cannas e das touradas,

pela convalescência real, que começaram a desavirse D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, e D. João de Sousa, almotacê-mór.

Levavam nos seus odios creadagem e parentella, chamavam-se pelas costas nomes soezes, juravam esquarterar-se mal se topassem, fosse no paço ou fosse no terreiro, e a rixa subira até aos ouvidos do rei que, recolhendo de má sombra á sua escrevaninha, assentou em tomar providencias.

Tomou-as desde logo ordenando a Estevão Gonçalves que com doze homens decididos, vestidos nas côres reaes e armados d'alabarda, vigiassem os escandalos e matassem sem mais avisos aquelles que puxassem armas á sua vista. Nomeava-o meirinho-mór e esperava d'elle energia em não poupar ninguém. Assim socegou a briga dos fidalgos e assim se formou o corpo que, n'um futuro distante, se devia intitular: Guarda Real dos Archeiros.



1.º sargento Maximiano Paes d'Andrade Baeta
2.—Guarda permanente no real paço das Necessidades—(Clichê de courtineiro)

Pouco durou o luto por D. João II ante a felicidade do novo reinado. Assistiam agora vinte e quatro cavalleiros na primeira sala, commandados por Jorge Moniz.

Vestia de sedas caras essa esbelta guarda, chamada da Camara; era ataviada como um corpo de pagens, garrida como um bando feminil, vivia pelas recamaras e derriçava com as donas com turbulencias de meninos do côro e com arrancos de donairosos moços fidalgos; não descia a atolar os borzeguins bordados nas lamas da cidade e pelas noites de solaus especava-se á luz dos fachos defron-

rendadas n'esse florido estylo manuelino e levantavam-se templos sumptuosos com as suas columnas gigantescas como as arvores das regiões descobertas; o Tejo hospedava nas suas aguas mansas frotas e galeões estrangeiros e o rei, esquecido das minguadas pompas do seu ducado de Beja, comprazia-se em passear no meio dos Ginetes e das Novas Ordenanças, que fundara tambem para si e que dera a D. Nuno Manuel, com 70 escudeiros de lança, 50:000 reaes de soldo e mais 8:000 para o seu armeiro, a pagar-lhe o ter sido lesado no governo da Guarda da Camara.

A's tardes, nas Portas do Mar ou nos terrenos de Apar de S.



A guarda real dos arceiros na Sé, á sahida de El-Rei

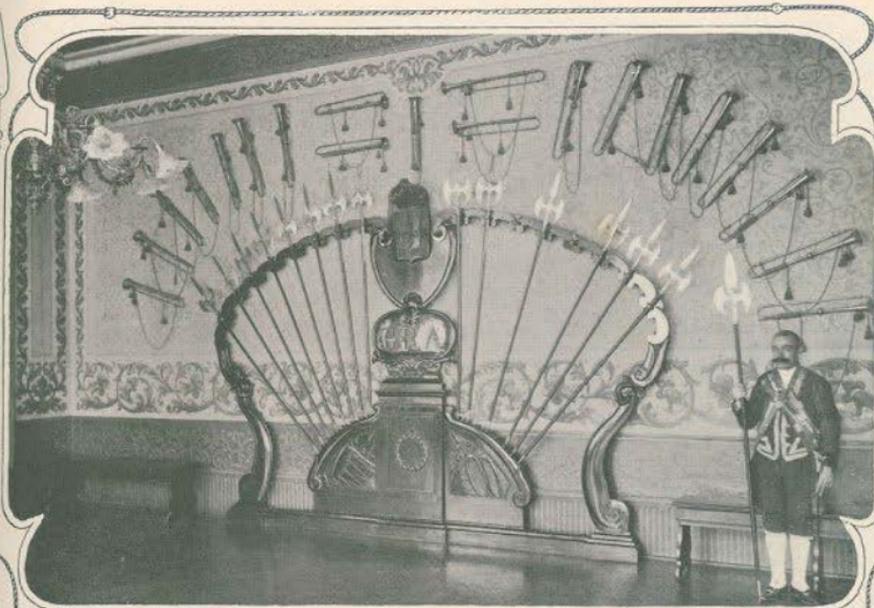
tando-se como os jarrões exóticos trazidos da India nas armadas. Viu passar o amoroso Bernardim e assistiu aos Autos de Gil Vicente, regalou os olhos nas frentes das escravas mouras roubadas dos aduare e sonhou as glórias d'além Bojador.

Em 1508 o seu commandante, Jorge Moniz, foi dar contas a Deus d'uns velhos peccados d'alma e succedeu-lhe D. João de Sousa, que tambem capitaneava a Guarda dos Ginetes e das Oitenta Lanças, creada pelo rei com a das Novas Ordenanças, para não se dizer que monarcha tão poderoso andava nas ruas sem sequito condigno.

Lisboa já não era ovelho burgo medioevo; começava a ser um empório; erguiam-se fortalezas ar-

Martinho, exercitavam-se na ordenança do pique e no tiro de arcabuz, enroupados de graça em panno de trezentos reaes o covado e com bons gibões de chalmote. E tanto brilhava o brilho d'aquellas armas, que o rei com esse deslumbramento andava catracego, a ponto de não vêr o estado d'Affonso d'Albuquerque depois das batalhas bravas com que lhe accrescentara os dominios.

Mas surgia no cimo do throno a figura torva de D. João III, movido pela mão castelhana da mulher. Era como a nuvem escurecida a prometter relampagos que trazia o clarão sinistro de fogueiras onde rechinavam carnes; era o homem-catastrophe, pesroso de



Sala dos archeiros no real paço das Necessidades

não ser mais amigo da fé e de não saber latim, a lingua que imaginava ser a unica que Deus entendia porque os jesuitas n'essa se lhe dirigiam.

De negro se vestiu e de negro enroupou as guardas. Os soldados, que no reinado anterior vestiam armas lucentes, chamalotes pesados ou sedas garridas, usavam agora vestes quasi sacerdotaes, com sua capa até meio da perna, saio fraldado pelo Joelho e botas largas de cordovão.

Aquella gente vivia no paço onde havia nichos e ardiam lampadas, grave como inquisidores do tribunal da fé, carrancuda, pezada, sem uma risada e sem um amor. Commandava-a D. Diogo da Silveira, que succedera a D. João de Mascarenhas, da casa Trocifal.

O rei sahia com os seus confesores e ia vêr o cardeal seu irmão, informava-se das causas da fé, sem guardas, bastando-lhe o terror da sua pessoa.

A's noites, n'esse paço negro, com aquellas guardas negras, devia-se julgar ter morrido alguem. Com effeito o reino já estrebuchava na agonia.

D. Catharina, quando regeu o paiz, na menoridade do neto Sebastião, varreu tudo aquillo e tantas galas desejou, tantos prazeres e tantas pompas quiz para o reininho que creou uma guarda de cem alabardeiros, cujo commando

offereceu a João Gomes Alvares, homem muito seu valido. Era o cumulo da garridice a contrastar com o luto da outra epocha e de tal fórma vestiam os alabardeiros que nas côrtes de 1562 os procuradores do povo declaravam:

«Trabalhay porque se crie (o rei) nos costumes do antigo Portugal; porque usos peregrinos prejudicam. Tomai-lhe a guarda dos Ginetes, tirai-lhe esta que mais convém para El-rey do Congo que para poderoso Rey de Portugal.»

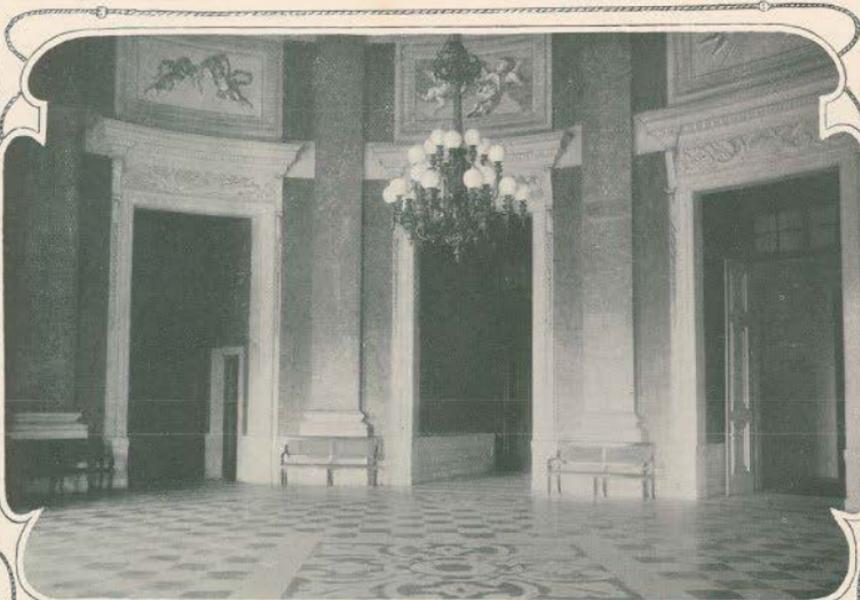
Vestia pois bem exoticamente a Guarda Real dos Alabardeiros e se D. Sebastião deu o seu commando a D. Francisco de Sá Menezes, decerto que só á ida para Alcaccer Kibir pensou em modificar-lhe os trajos.

Parece que essa guarda polychroma, que nas côrtes se dizia digna do Rei do Congo, não foi para a jornada d'África com toda essa nobreza vestida de brocados, de velludos, de sedas, scintillante d'ouro com seus borzequins de damasco, com seus pendões alçados, galharda sobre as sellas onde havia debruns magnificentes, alvorotada, revolta, enthusiasmada com as suas vestes como um bando gentil e de todas as côres do iris de lindas aves a ir metter-se em revoadas d'azas esmaltadas na guella vermelha e funda d'um leão africano.

Se a guarda partiu com o rei, lá ficou nas



2.º sargento João Nunes da Silva (Clichê de COUTINHO)



1—Uma das salas dos arceiros no paço d'Ajuda
 2—José Ayres da Silva Magalhães, o soldado mais antigo da guarda real—(Clichê de COUTINHO)

areias de Alcaer, mas não é crível que tivesse ido, porque em 1579 é seu capitão D. Francisco de Sousa e assiste á acclamação do cardeal, como devia assistir ao juramento de D. Antonio, vaga sombra de rei, e em 1583 ao do príncipe hespanhol D. Filippe.



D. Henrique, na sua alcova, era já a m a m e n t a d o por Maria da Motta; o velho cardeal collava os seus labios asceticos aos seios da plebea, buscando beber a vida, como o reino para a força do povo appellava nos transes que o envolviam. O senil prelado, na sua purpura mortalha, era amamentado. A' porta um alabardeiro devia sorrir.

Tambem no limiar do paço d'Almeirim, por aquelle janeiro rijo que tornava intransitaveis as estradas, receberam a duqueza de Bragança, n'uma noite de ventania que apaga-

va as vellas nas mãos dos moços da camara que a precediam; viram os seus alabardeiros e os trezentos cavalleiros da sua escolta; o povo a gritar-lhe: «Venha embora a nossa rainha» e rasgaram respeitosos a passagem á duqueza que ia de cabeça alta, sahindo do seu coche de brocado que os estribeiriços rodeavam. Tudo aquillo sahiu n'um rumor d'esporas, de espadas, de sedas, de desesperos ao vêrem que o cardeal a desherdara. Lá dentro, guardado por outros garridos alabardeiros, o velho começava na agonia quando todos sahiam n'um mais agitado clamor, enquanto a chuva pingava dos beirões do triste paço.

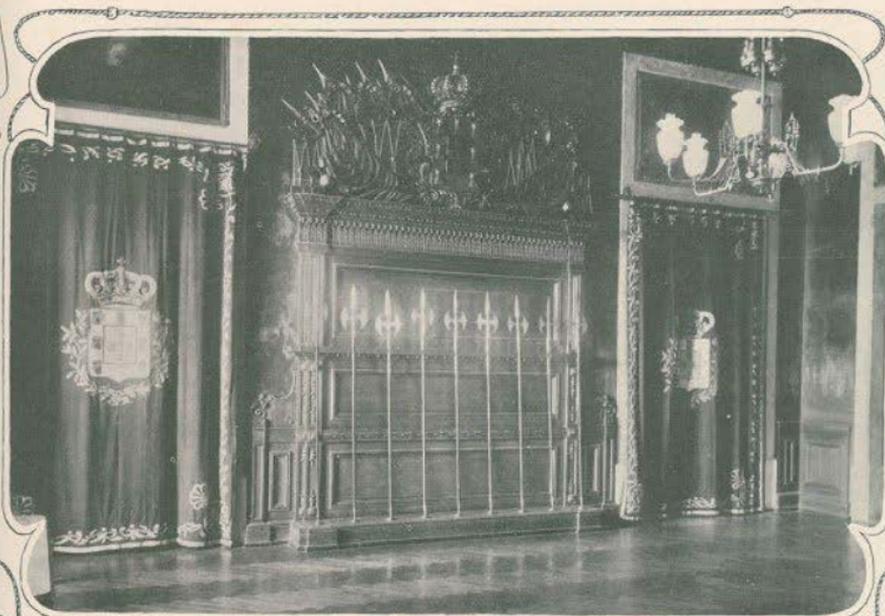
Tocavam as torres, ajoelhavam os senhores a olharem para as bandas de Castella. O prior do Crato ia bater-se; o duque de Bragança ia receber o Tosão d'Oiro em Villa Viçosa.

Chegava o que dissera n'Africa o velho bação d'Alvito, ao querer prender D. Sebastião:

—Padre nosso pelo rei, padre nosso pelo reino, padre nosso pelos vassallos!

Um coche negro — o de Filippe II — atravessava a fronteira. Em volta vinha uma guarda: a Tudescas.

Egual guarda ia assistir no paço, commandada ainda por D. Francisco de Sousa até 12 de agosto de 1531 em que lhe succedia seu filho D. Alvaro. Essa guarda, creada pelo cardeal Alberto, governador de Portugal, era composta por 65 soldados e 6 subalternos, que deviam ser 4 cabos, escrivão e furriel. Vestia de panno silvado com os galões em prata ganhando 8 florins d'oiro os tu-



1—A outra sala dos arceiros no real paço d'Ajuda
2—Cabo João Martins Fernandes—(Clichê de COUTINHO)

descos e 10 os seus subalternos. Assim, com os seus fatos de panno silvado agaloados a prata, os tudescos aguardavam agora em alas, pelas amplas escadarias da Ribeira, o duque de Bragança, que subia às casas dos governadores. No patamar, o capitão, que pela Alleluia de 1625 já era D. Lourenço de Sousa, filho de D. Alvaro, saudava sua senhoria.

N'uma manhã luminosa do 1.º de dezembro ouviram-se desacostumado rumor e brados da guarda castelhana. Era a revolução. Na Sala dos Tudescos — creada para elles — Affonso Menezes, Gaspar de Brito Freire e Marco Antonio de Azevedo ceitaram ao chão o cabide das alabardas e puzeram em fuga os tudescos desarmados. Alguns ainda cobriram as portas da duqueza de Mantua e de Miguel de Vasconcellos, resistindo desesperadamente a Luiz Godinho Benavente e só fugiram ao verem cair dois companheiros, um morto outro ferido.

O sangue dos tudescos tapetava emfim a sua nobre sala. No interior ainda se batiam. Um corpo cambalhotou nos ares e espapou-se no Terreiro. Era o de Miguel de Vasconcellos. D. João IV ia ser rei.

Os alabardeiros do duque de Bragança, que ficavam às portas dos paços reaes, formavam agora duas companhias de cem homens cada uma, fardados de verde e branco, guarnecidos de galões de prata e estavam na Sala dos Tudescos. A D. Luiz de Noronha deu el-rei a primeira; a segunda foi para D. Luiz de Mello, por decreto de 24 de abril de 1641 em que ellas foram formadas.

Deveras curiosa devia ser uma

chamada dos guardas, por esse reinado de D. João IV.

De quando em quando, na cidade ouvia-se o trillo do pifano e o batucar dos tambores nas ruas desde o Terreiro do Paço a Valverde e logo às portas das vendas, dos especieiros, boticas, espadeiros, assomavam homens que envergavam á pressa os seus trajos brancos e verdes, que partiam de corrida com o espadim batendo-lhes nas pernas, a alabarda ao hombro para casa do tenente a cuja porta quatro soldados faziam a guarda, mas sem o acompanharem nas suas sahidias. D'ali partiam para casa do capitão, já formados, e iam com a esquadra da sua ordenança, e que lhe rodeava o coche nos passeios, aguardar a sahida d'el-rei. Dentro da sege, a



cuja estribeira subia a Calcanhares, regatão, que D. João

IV por vezes ouvia, Sua Magestade, com o seu cabeção de rendas sobre a veste negra, sorria; á direita os cem homens da sua guarda portugueza marchavam emparceirados com os da allemã que iam á esquerda. Pelos caminhos ajoelhava o povo como deante do Altissimo, soavam as acclamações e fosse na Sé ou fosse em S. Domingos, nas cerimoniaes ou nos passeios, as guardas não deixavam chegar-se estrangeiros sem se apresentarem pela frente do soberano. A' frente caracolavam os tenentes nos seus murzellos, atraz do coche seguia o capitão com pistolas nos coldres, o penacho esvoaçante aos upas da montada. E das janellas as lisboetas saudavam o rei, saudavam as guardas, perdiam-se de amores por aquellas fardas brancas e verdes. Tambem o principe D. Theodosio, filho de D. João IV, teve a sua guarda, por decreto de 3 de fevereiro de 1642. Era um galhardo mancebo, amante da sciencia e que um dia fugira para Evora na ancia de commandar os exercitos, com o seu amor e o seu capacete, cujas plumas garridas esvoaçavam aos saltos do ginete fogoso.

Para se formarem tres companhias— a Allema, a Portugueza e a do Principe —ficaram com 60 ho-



mens cada uma, capitão, tenente, sargento e quatro cabos.

O pifano e o tambor da allemã serviam para todas.

D. Afonso VI jogava o pião no pateo do paço com os seus validos Contis e lá, de quando em quando, o bando arruaiceiro descia para o pateo do Leão e apedrejava os transeuntes. O reisinho não era dos peores fundibularios, apesar do decreto que condemnava a açoites e a degresso os menores de quinze annos que jogassem a pedrada. Pensou-se em tirar de junto d'elle Antonio Conti, o favorito. O rei recusou. D. Luiza de Gusmão dera ordem a Pombeiro para o prender com a sua guarda e elle desobedecera. O duque de Cadaval arrombara a machado a porta do quarto do rei, onde o valido se escondera e, preso este, demittiram o capitão da companhia do Principe, que em junho de 1660 D. Afonso VI reintegrou, pagando-lhe todos os ordenados. E nas guardas ficou até á morte, em 1675, apesar do rei já ter sido tirado

dos fôfos assentos do throno para as durezas dos carcerees que o irmão lhe dera.

Não fôra muito de florear com as guardas reaes. Outras tinha e d'outras se servia: Os Petiscantes e a Patrulha Baixa.

Por deshoras sahiam das esquinas bandos armados, luziam fuzis e partazanas, á voz de um homem. Agarravam-se os que passavam, arrombavam-se por-



1—Sr. Duque de Palmella, ex-commandante da guarda real
(Cliché de BOBONK)
2—Guarda real

tas, praticavam-se proezas de ribaldos, á luz vaga dos lampeões dos nichos. A

Patrulha Baixa, composta por mulatos, mouros, negros, rufiões, gente de má casta, obedecia ao rei destemperado, D. Sebastião de vuela, que só ao dealbar, caçado, perdido, recolhia ao seu leito. A porta, velando-lhe o somno pesado, estavam os Petiscantes, com o seu capitão Belchior Sequeira. As guardas reaes eram agora recrutadas nas alfurjas. Foi depois d'uma noite tormentosa, em que os Petiscantes e a Patrulha estiveram para pôr Lisboa a ferro e a fogo, que o Marquez de Cascaes entrando no quarto do rei bradou irreverentemente que não eram horas de dormir. As guardas não lhe valeram. Estava esbulhado do throno; abdicava á força; por vontade se lançava sua mulher nos braços do cunhado.

Na Terceira teve por guarda um soldado brutal, em Cintra algum feio carcereiro, o desgraçado que Deus fizera rei.

N'um dia de maior galantaria para com a franceza, antiga esposa de seu irmão e agora sua, D. Pedro II, talvez na doçura das arvores do Calvario, transformou o nome á guarda que appareceu então sob o titulo de Arceiros, relembando os *archers*.



Mas chegou D. João

V. Queria egualar-se ao Rei Sol. Vestiu d'ouro e vermelho o sequito do patriarcha. D'ouro e vermelho fardou os archeiros, dizendo ser aquella a côr dos antigos trajos dos velhos reis. Cada companhia passou a ter quatro esquadras, cada esquadra 20 homens. Os cabos distinguiram-se por uma banda de tafetá e pelos canhões da casaca forrados de velludo liso, os sargentos por igual banda e pelos canhões de velludo lavrados de branco formando uma flôr de liz.

Muito deviam ter tratado entre si os archeiros n'este reinado ao contarem como engrossavam as vistas diante das ciganas, das monjas, das fidalgas, das comicas que iam dormir á Ribeira, ao sabermem das arruaças do infante D. Francisco, dos Cadauaes e Lafões, dos tumultos e das arruaças, das pandegas e das moedas de duas caras, de toda essa mistura de amores prohibidos e de tunantadas nocturnas, de cousas religiosas e de scenas profanas como um sabbat de Belzebut.

Era a vez de Pombal e do rei José, que as catastrophes preocupavam. O terremoto levaria-lhes o paço, devia ter-lhes levado os archeiros. D. Maria I deixou-os e foi para o Brazil. Não havendo rei, para que serviam guardas?!

Mas um dia, depois de Beresford, depois



1—Sr. Marquez do Fayal actual commandante da guarda real—(PHOT. VIDAL & FONSECA
2—Arceiros formados

das rhetoricas catilinas de 1820, o rei João VI chegou a reconstituir a guarda. Commandava a allemã o Marquez de Palmella, a portugueza o conde de Rezende, a do príncipe o conde de Bellas. Então assistiram na Bemposta e em Queluz, sorriram e perfilaram-se, viram as conjuras de Carlota Joaquina e o perfil esbelto do infante nas picarias ousadas e, por uma madrugada calida de junho, lá foram, correndo pelos campos, emporcalhando as meias brancas no pó das estradas, suando e desesperando, buscar o rei a Villa Franca. Viram tambem os desatinos de D. Miguel, as toiradas de Queluz, as galopadas com o Sedvem, ouviram fados gemidos em guitarras marchetadas e uma noite um ultimo galopar: o da fuga. Depois a nobreza d'um gesto que o despojava e os berros, os tiros que tinham a succeder-lhes os foguetes e os hymnos constitucionaes.

Chegava D. Pedro IV. Demittia o conde de Rezende, D. Antonio Benedicto de Castro e o conde de Pombeyro, D. José Castello Branco, da chefia das companhias, e unindo as, na força de 60 homens, dava-as ao 1.º duque de Palmella, com o direito de promover os soldados do exercito liberal, que soubes-



sem lêr e escrever e limpos de notas. Era a Guarda Real dos Archeiros, tal como ficou constituída.

Mais umas dragonas de prata para os cabos e d'ouro para os sargentos, um galão d'ouro nos chapéus dos ultimos pelo decreto de 1842 e quando o duque morreu um outro o substituiu: o d'Albuquerque, D. Joao Afonso da Costa de Sousa Macedo e Albuquerque, 2.º conde de Mesquitella. A seguir o commando foi entregue ao sr. duque de Palmella, actual, e logo a seu genero o sr. Marquez de Fayal.

E tal é a vida d'essa Guarda Real que, vivendo nos paços, ha seculos assiste impassivel ao formar da Historia, nas galas a sorrir, com desesperos nas luctas, ao lado dos berços das reaes creanças e dos thronos dos reis, sempre perfilada, hirta, decorativa, d'alabardas altas, como apenas a adornar os logares onde o ceremonial a impõe mesmo para vêr derramar lagrimas dos olhos orgulhosos das rainhas.

ROCHA MARTINS.



1—A guarda dos archeiros nas escadas da Sé
2—No funeral d'El-Rei D. Carlos
e do Principe Real: o commandante dos archeiros
(Clichés de RENOLTE.)